



KOCH, Ingedore Grünfeld Villança. **O texto: A construção dos sentidos.** In: KOCH, Ingedore Grünfeld Villança. **O texto e a construção dos sentidos.** São Paulo: Editora Contexto, 1997, p. 25-30.

O TEXTO E A PRODUÇÃO EXPERIMENTAL DE SENTIDOS

Edinan Damasceno Carvalho¹
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
(damascenoedinan@outlook.com)

Joabson Lima Figueiredo²
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
(jfigueiredo@uneb.br)

A difícil tarefa de escrever sobre algo e de adentrar, de maneira ampla, em seus possíveis caminhos para atuação, que não cessam seus movimentos: eis a proposta do capítulo *O texto: A construção dos sentidos*, de Ingedore Grünfeld Villança Koch, publicado no livro *O texto e a construção dos sentidos* (1997). A autora nos introduz na complexidade de uma discussão sobre texto e sentido, e a intensifica quando coloca como um dos principais pontos para debate o campo experimental, mais especificamente as possibilidades para planejamento/verbalização, nos quais os sujeitos da interação empenham-se e usam sistemas de conhecimento que estruturam e constroem sentido num emaranhado universo de ações humanas.

Koch inicia a partilha de sua argumentação com um breve olhar sob as perspectivas teóricas que podem ser lançadas sob o conceito de texto. São movimentados e acionados tanto os termos que se apresentam abertos à discussão, quanto os que se manifestam alheios a qualquer debate que vise tomar e difundir o texto, o sentido e seus elementos correlativos como fenômenos que se combinam, articulam, pressupõem, (re)constroem e se expandem junto com as possibilidades e processos de produção.

Nesse exercício de proposição de diálogos sobre o texto, interlocutores e suas possibilidades de atuação, a autora parece compartilhar a necessidade de ser abraçada a vertente teórica que compreende a produção textual como uma atividade verbal que é resultado de um contexto social, histórico e ideológico que demanda por articulações comunicativas.

¹ Graduando em Licenciatura em Letras Vernáculas na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XVI – Irecê – BA.

² Professor na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XVI – Irecê. Doutor em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia.



Este posicionamento fica, de certa forma, evidente no prólogo do livro *Desvendando os segredos do texto* (2006), no qual a autora faz uma provocação que certamente acompanha os leitores no decorrer do desdobrar do livro. Ela nos questiona “e o texto tem segredos?” (p. 9), e após isto diz que a resposta só será negativa se formos adeptos de uma vertente que compreende o texto como ferramenta que combina letras ou sons para rotular, através de sentenças totalmente explícitas, coisas ou estados de coisas.

Todavia, a resposta será positiva se pensamos o texto como um espaço de interação de sujeitos sociais que são dotados de habilidades linguísticas e cognitivas que constroem múltiplas propostas de sentido (Ibidem). É essa perspectiva que parece ser adotada para investigar o texto e os interlocutores como produtos de construções históricas e sociais, que se articulam com diversas possibilidades de organização e (re)criação de sentidos.

Koch conceitua o texto

[...] como uma manifestação verbal constituída de elementos linguísticos e ordenados pelos co-enunciadores, durante a atividade verbal, de modo a permitir-lhes, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (1997, p. 27).

Nesse sentido, a teórica trata a produção textual como uma atividade criativa, “que compreende o desenvolvimento de estratégias concretas de ação e a escolha de meios adequados à realização dos objetivos” (p. 26). Em outros termos, a verbalização é uma atividade em que o interlocutor, em conformidade com as condições de produção em que está inserido, produz e empreende sentido a um determinado meio.

Assim, o texto, de acordo com Koch, é resultado de encontros em que os sujeitos selecionam, ordenam e negociam elementos linguísticos e não-linguísticos para tentar compartilhar significações e/ou interagir ou, como foi colocado pela teórica, atuar junto, através e de acordo com as práticas socioculturais que imperam em suas realidades. Nas palavras da autora:

Um texto se constitui enquanto tal no momento em que os parceiros de uma atividade comunicativa global, diante de uma manifestação linguística, pela atuação conjunta de uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional, são capazes de construir, para ela, determinado sentido. (p. 30).

Ademais, Koch sinaliza que a produção de um texto exige que seja acionado um conjunto de habilidades e conhecimentos que antecede a ação de produzir sentido a partir do texto. A autora destaca que conhecimentos linguísticos, históricos e sociais são imprescindíveis para a realização do trabalho de forjar e partilhar sentido. “É nesse instante que são acionados múltiplos recursos



significantes, auditivos, visuais, táteis, sistematizados ou não no contexto cultural; [...] um acompanhamento de formas lúdicas de formas lúdicas de comportamento” (ZUMTHOR, 2007, p. 76). Desse modo, um texto é resultado de uma atuação de co-interlocutores sobre o cenário material e subjetivo em que se encontram e compreendem.

O que se pretende dizer com isso é que é necessária uma estruturação interna para que a atividade verbal aconteça. Nessa lógica, é a partir de conhecimentos e padrões de comunicação, da ordem da sensação e da experiência em sociedade, que se “constituem um fundo de saber sobre o qual o resto se constrói” (Ibidem, p. 78).

Dentre as contribuições da experiência comunicativa trabalhadas pela autora, podemos citar a aporte para a organização do material linguístico que será trabalhado na superfície textual; a possibilidade de manifestação de expectativas ou apresto para interações sob “o(s) campo(s) lexical(is) a ser(em) explorado(s) no texto” (p. 32), que permitem que sejam efetuadas inferências para suprir lacunas de sentido presentes no texto; proporcionar a captação de *tipos de atos de fala* que se manifestam por vias indiretas; e engendrar os sujeitos-discursivos nas diversas estruturas que permitem o desenvolvimento e distinção dos diversos tipos de textos, além de possibilitar a condução dos interlocutores para as bases de ordenação e sequenciação das unidades que compõem tais conjuntos.

Koch nos diz que toda a bagagem semântica que os sujeitos detêm, pode acabar contida em dois grandes blocos: o *dado* e o *novo*, e que o cenário em que os interlocutores se encontram interfere na disposição e dosagem para cada um desses blocos de construção de sentido. O primeiro bloco é o horizonte de consciência em que os interlocutores se apoiam para produzir e informar. Ou seja, se trata de uma base referencial que capacita o interlocutor “para a produção do sentido pretendido pelo produtor do texto” (p. 28). Nesse cenário, são materializadas estratégias cognitivas extremamente poderosas, que norteiam os sujeitos-discursivos para a possibilidade de estabelecer e desenvolver conexões entre a experiência comunicativa e o tecido textual. Nas palavras da autora, é através dessas induções “que se pode (re)construir os sentidos que o texto implícita” (Ibidem), ou seja, é através do dado que podemos produzir caminhos para chegarmos ao novo. Koch completa dizendo que:

Com ancoragem na informação dada, opera-se a progressão textual, através da introdução de informação nova, estabelecendo-se, assim, relações de sentido entre: a) segmentos textuais de extensões variadas; b) segmentos textuais e conhecimentos prévios; c) segmentos textuais e conhecimentos e/ou práticas socioculturalmente partilhados. (p. 29).

Com isso, é possível dizer que Koch acusa que o texto não é uma soma de diferentes saberes, mas sim, um campo em que os elementos linguísticos são ordenados e negociados para provocar, ou melhor dizendo, para criar sentido(s) que



se adequa(m) a uma complexa e específica conjuntura que é atravessada por uma “rede de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional” (p. 30).

Nesse sentido, o texto pode ser compreendido como um espaço que, além de combinar elementos linguísticos, articula, pressupõe, (re)constrói e expande. Desse modo, o texto é uma zona em que se pode atribuir e/ou forjar sentido, pois “nele os signos ingressam em uma constelação que os despoja de suas marcas originais e permite construir novos sentidos transversais” (AGUILAR; CÁMARA, 2017, p. 12). O texto é um fenômeno em que as singularidades materiais e subjetivas barganham por ocupação, mesmo que ínfima ou desapercibida.

Referências

AGUILAR, Gonzalo; CÁMARA, Mario. **A máquina performática: a literatura no campo experimental**. Tradução: Gênese Andrade. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villança. O texto: A construção dos sentidos. *In*: KOCH, Ingedore Grunfeld Villança. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Editora Contexto, 1997, p. 25-30.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villança **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2006.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

Recebido em: 16/04/2021
Aprovado em: 07/11/2023